

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

## A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO - WOMEN'S FILM FESTIVAL

4 de novembro de 2025

### **Grbavica / 2006**

(Filha da Guerra)

Um filme de JASMINA ŽBANIĆ

*Realização: Jasmila Žbanić / Argumento: Jasmila Žbanić / Direção de fotografia: Christine A. Maier / Direção de arte: Haris Sarvan, Sevko Tinjak / Guarda-roupa: Lejla Hodzic / Maquilhagem: Halid Redzebasic / Música: Enes Zlatar / Montagem: Niki Mossböck / Interpretação: Mirjana Karanović (Esma), Luna Lozic (Sara), Leon Lucev (Pelda), Kenan Catic (Samir), Jasna Beri (Sabina), Dejan Acimovic (Cenga), Bogdan Diklic (Saran), Emir Hadzihafizbegovic (Puska), Ermin Bravo (professor Muha), Semka Sokolovic-Bertok (mãe de Pelda), Maike Höhne (Jabolka), Jasna Zalica (Plema), Nada Djurevska (tia Safija), Emina Minka Muftic (Vasvija), Dunja Pasic (Mila), Sedina Muhibic (Maja), Sabina Turulja (Zehra), Sanjo Buric (Mirha), Hasija Boric (Fadila), Mirza Tanovic (vendedor), Hendril Massute (soldado).*

*Produção: Barbara Albert, Damir Ibrahimovich, Bruno Wagner / Produtora: Coop99 Filmproduktion, Debllokada, Noirfilm Filmproduktion, Jadran Film / Cópia: DCP, colorida, falada em bósnio e legendada eletronicamente em português / Duração: 91 minutos / Estreia em Portugal: 23 de novembro de 2006 / Primeira exibição na Cinemateca.*

### **Com a presença de Mirjana Karanovic**

---

O cinema da realizadora e produtora bósnia Jasmila Žbanić – conhecida também por **Quo Vadis, Aida?**, um filme de 2020 que foi nomeado para os Óscars e BAFTAS – está intimamente ligado ao trauma e ao rescaldo do conflito bósnio no início da década de 1990 e à forma como esta guerra teve repercuções políticas, sociais, morais e pessoais, especialmente no que toca à experiência das mulheres. Em **Grbavica**, obra que ganhou o Urso de Ouro do Festival de Cinema de Berlim em 2006, a guerra é um espectro que assombra, mas que tem consequências e frutos muito concretos. As primeiras imagens que Žbanić nos mostra são de mulheres, juntas em comunidade mas como que adormecidas, em que apenas o olhar de uma delas se abre para nos fitar. Esta será a personagem através de quem veremos a história, Esma, e este cenário de mulheres unidas em comunidade será um cenário que iremos revisitlar. Mirjana Karanović protagoniza uma mulher marcada por um trauma que a assombra, e com tanto amor no seu coração como tensão reprimida. O título do filme, **Grbavica**, remete para o nome do bairro onde ela mora com a filha. Este foi uma das zonas mais traumatizadas pelo conflito que assolou a cidade de Sarajevo, uma cidade já de si abalada pelas cicatrizes do tempo e por ódios fratricidas, como disse Philip Kennicott, do *Washington Post*, na sua crítica ao filme.

Há alguns fios que o filme vai tecendo que serão interessantes destacar, dado que ele trabalha, de maneira constante, tensões que aparecem à superfície. Primeiro, os vários momentos que ocorrem amiúde e que provocam em Esma uma reação de *fuga*. Começamos progressivamente a entender que há um segredo ainda não revelado. Estes momentos envolvem: um homem com o corpo

demasiado encostado a Esma no autocarro; a filha a prender a mãe com os braços depois de uma sessão inócuas de cócegas; o instante em que ela vê uma das empregadas do bar tosco onde trabalha a sentar-se ao colo do patrão ou a dançar com um soldado. Há depois as marcas que vemos nas suas costas, num momento em que despe a blusa, ou o facto de ser sublinhado que, quando vai a reuniões (naquilo que parece um centro de apoio com alguma ligação a políticas sociais) nunca fala do seu passado. Já a filha de Esma, Sara, é pintada por diferentes mulheres, que até apoiam a mãe, como pessoa *problemática* – seja a tia Safija que suspira de alívio por a mãe de Esma não ter conhecido *esta neta*; seja a amiga Sabina, que apesar de a ajudar a encontrar o dinheiro de que Esma necessita para a viagem de escola da filha, insiste que Sara tem algo de errado dentro dela. Contudo, a rapariga não está longe de qualquer outra adolescente da sua idade, exceto que também ela foi moldada por uma guerra, apenas não a viveu. A ideia de o pai ter sido um «mártir de guerra» parece ser a única coisa que lhe dá alento apesar de não ter mais informações sobre ele. Ainda assim, há uma raiva dentro dela – que se sente pela forma como vive o mundo ou inicialmente interage com Samir, por quem se apaixona – que talvez seja inata, talvez seja herdada, talvez seja algo que ficou impregnado, por osmose, simplesmente por viver ali.

Sara e Samir passeiam por um edifício há anos bombardeado, onde eclode o amor que vão sentindo um pelo outro, onde se beijarão pela primeira vez, mas também onde brincarão com uma arma de Chekhov – usada mais tarde, entre Sara e Esma, quando o segredo que existe entre as duas tem de sair, tem de ser dito e tem de ser escutado. Este segredo é conduzido a ser libertado pela violência. A arma de Samir é também o símbolo do desespero de uma miúda que entende que algo se passa e sabe que lho querem esconder. Assim, descobre, para seu horror, que a ideia que lhe dava alento é uma mentira que esconde algo tão horrível que não podia ser proferido. Sara é o resultado de violações no decorrer da guerra, consequência das ações de «Chetniks» e não de um mártir. Esta é uma ligação que ela própria tem de rejeitar, de tão dolorosa, cortando a única coisa que sabe que tem parecida com o pai: o cabelo.

Há ainda Pelda, um homem que se quer aproximar de Esma, que o deseja também. Porém, mesmo trocando um beijo, a violência ceifa as possibilidades de um futuro. A violência enraizada, geográfica e emocionalmente, num local onde ainda há valas comuns a serem descobertas e pessoas a serem identificadas. Pelda sonha partir para outro país, com romper com as ligações violentas a pessoas duvidosas, relações que ainda ecoam um tempo de guerra. Quem identificará o corpo do pai se ele partir? O filme deixa esta e outras perguntas no ar, soltas, sem resposta. Há perguntas que ficam sempre sem resposta.

A memória de como Sara nasceu, o que ela existir representa, como chegou Esma a ter este bebé, é uma história que a mãe partilha no final do filme, num *tour de force* de Mirjana Karanović de tirar o fôlego. A atriz, tal como o filme o consegue, evoca sensações de ausência de esperança agudas, bem como a ideia comovente de que ainda há beleza no mundo.

Ana Cabral Martins